

REVISTA ANGELUS NOVUS - nº 1 - agosto de 2010

## Resenha

### Carnaval popular paulistano

**VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes.** *Carnaval em branco e negro: Carnaval popular paulistano: 1914-1988.* Campinas; São Paulo: EdUNICAMP; Imprensa Oficial, 2007.

Vanessa Costa Ribeiro

Mestranda em História Social pela Universidade de São Paulo (USP).

**Resumo:** Resenha do livro *Carnaval em Branco e Negro: Carnaval Popular Paulistano: 1914-1988*, escrito pela antropóloga e professora doutora da Universidade Estadual de Campinas, Olga Rodrigues de Moraes von Simson. Nesta obra, a autora propõe-se a analisar as atividades festivas carnavalescas da sociedade urbana paulistana nos últimos dois séculos por meio da compreensão das transformações culturais deste aspecto do viver, característico do lazer urbano.

**Palavras-chave:** carnaval, São Paulo, brancos e negros

**Abstract:** Review of the book *Carnaval em Branco e Negro: Carnaval Popular Paulistano: 1914-1988*, written by Olga Rodrigues de Moraes von Simson, anthropologist and professor at Universidade Estadual de Campinas. The author aims to analyse the urban society of the city of São Paulo through carnival party activities in the last two centuries. She tries to comprehend the cultural transformation of this life aspect, characteristic of urban leisure.

**Keywords:** carnival, São Paulo, white and black

Quando o carnaval se tornou um símbolo da democracia racial brasileira? Provavelmente a busca de uma resposta a esta pergunta motivou a antropóloga Olga von Simson a elaborar o livro *Carnaval em Branco e Negro: Carnaval Popular Paulistano: 1914-1988*. Para compreender a mitificação do carnaval a autora faz uma ampla pesquisa histórico-sociológica dos folguedos carnavalescos da sociedade paulistana, o que a leva a propor uma divisão deste folguedo em três períodos que elucidam seu estudo.

No primeiro período, intitulado da “Colônia até meados do século XIX”, verifica-se que nos diferentes papéis exercidos por brancos e negros transpareciam as diferenças sociais, embora a vivência dos folguedos fosse realizada em conjunto. Nas festas profanas, sobretudo no entrudo - divertimento carnavalesco do colonizador português - os senhores e escravos saíam à rua para participar das brincadeiras, mas enquanto o senhor branco atirava laranjas-de-cheiro e limões, o escravo negro carregava bandejas com os projéteis ou servia de vítima para o brinquito do branco. Em um segundo período, identificado de 1870 a 1930, observa-se a necessidade das camadas superiores, enriquecidas pela cultura cafeeira, de se diferenciar e se distanciar das camadas populares. Neste processo de “aburguesamento” dos costumes, os antigos folguedos acabam sendo expulsos das áreas centrais da cidade e ao se refugiarem nos arrabaldes tornam-se típicos das camadas populares que os reinventam com criatividade. Já as camadas abastadas importam e adaptam às condições brasileiras as maneiras européias de se divertir. É neste momento que florescem os blocos, os cordões e os ranchos criados pelas camadas populares negras e brancas, esta última constituída sobretudo por imigrantes. Por fim, no último período, identificado a partir de 1930 e que persiste até a atualidade, nota-se uma relativa homogeneidade cultural das atividades carnavalescas, resultante da transformação de um fato cultural popular em mercadoria pelos meios de comunicação e pelo poder público que adaptam o popular ao padrão de gosto capitalista, “patrimônio cultural da sociedade”<sup>1</sup>.

Feita a descrição dos períodos poderíamos pensar que o livro caminharia monotonamente para a confirmação do fim da criatividade popular e da hegemonia capitalista sobre o Carnaval, porém a autora, ao se valer dos conceitos de “tática” e “estratégia” elaborados pelo historiador Michel de Certeau no livro *A Invenção do Cotidiano - Artes de Fazer* (1996), recupera as astúcias dos foliões, caminheiros da cidade que, ao criarem suas próprias lógicas, a vivenciam em seus momentos de lazer.

O livro é dividido em quatro partes. Nas duas primeiras, “O Carnaval Popular Branco” e “O Carnaval Negro” a autora detém-se a analisar os diferentes momentos do carnaval popular valendo-se das seguintes fontes: notícias dos principais jornais paulistanos (*Correio Paulistano* e o *Estado de São Paulo*), livros de memorialistas e cronistas, obras de historiadores, folcloristas e estudiosos da cultura popular, documentos oficiais, fotografias e depoimentos orais.

Os depoimentos orais, principal fonte utilizada pela autora, foram recolhidos segundo o método biográfico. Metodologia que “permite lidar com aspectos histórico-sociológicos, ao captar, através da visão de um indivíduo, o desenvolvimento cronológico do fenômeno em estudo, inserido no contexto mais amplo da sociedade; possui um caráter dinâmico, pois permite reconstruir os processos sociais que deram origem aos fenômenos estudados, possibilitando também um acompanhamento, pelos relatos dos informantes, dos avanços e retrocessos de tais processos; apresenta ainda um caráter dialético, ao obrigar o pesquisador que dele se utiliza a um constante confronto entre a teoria e as noções que ele já possui e a prática social concreta apresentada pelo informante”<sup>ii</sup>.

É interessante notar como a memória do carnaval negro é ricamente registrada pela autora, o que, por sua vez, não acontece com a memória do carnaval popular branco. Este fato não decorre de uma predileção da autora pelas manifestações negras e sim de uma problemática própria do campo da memória. Se levarmos em conta o artigo do historiador Ulpiano Bezerra de Menezes “Os Paradoxos da Memória”, publicado em uma coletânea organizada por Danilo Santos de Miranda em 2007, devemos nos perguntar sobre o que é objeto da memória, aqui entendida como uma ação produtora de significados.

Para os brancos entrevistados a memória do carnaval limita-se a uma lembrança saudosista de momentos de suas juventudes; tais recordações foram dificilmente recuperadas nos depoimentos organizados pela autora. A sensação de perda comum nas falas dos brancos reflete a falta de contatos sociais significativos na fase mais recente de suas vidas em função da desestruturação dos antigos grupos de vizinhança, responsáveis pela organização dos folguedos carnavalescos e também das novas condições de vida impostas por uma metrópole em rápido processo de crescimento<sup>iii</sup>. Já para os negros o carnaval representa uma possibilidade de notoriedade social conquistada por sua geração e usufruída contemporaneamente por seus filhos e netos. Estes últimos, ao contrário dos familiares dos entrevistados brancos que se surpreendiam ao ouvir o passado de folião de

seus pais e avós, ajudavam os velhos negros a reconstruí-lo pontuando episódios “esquecidos”, ou melhor, “omitidos” pelos informantes.

Outro aspecto importante que colabora para a rica descrição do carnaval negro é a observação de “circuitos” carnavalescos negros pela autora (salões de raça, casas de particulares em que eram realizados os preparativos para o desfile de blocos, cordões e escolas de samba). A recuperação de “circuitos”, categoria elaborada pelo antropólogo José Guilherme Magnani em livro por ele organizado em 2000, intitulado *Na Metrópole: Textos de Antropologia Urbana*, explica a organização de redes que permitiram a continuidade dos folguedos carnavalescos negros apesar da fragmentação da metrópole e que foram as bases para a constituição das atuais escolas de samba, muitas delas geridas pelos filhos e netos dos entrevistados.

Na terceira parte, intitulada “Carnaval em Branco e Negro”, a autora enumera as semelhanças e as diferenças entre os folguedos brancos e negros, base para compreensão do carnaval hodierno.

Por fim, na quarta e última parte do livro, “Imagens do Carnaval Popular Paulistano (1914-1988)”, foram reproduzidas 97 fotografias recolhidas entre os entrevistados. Embora Olga von Simson não se detenha na análise das imagens reproduzidas, verifica-se que estas não foram publicadas como mero apêndice, mas que a análise deste *corpus* documental, cuja metodologia não é explicitada, a norteou na elaboração dos demais capítulos da obra. Fica aqui a sugestão da leitura de uma bela obra etnográfica que nos permite refletir sobre problemáticas candentes da História Cultural.

- <sup>i</sup> SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von. *Carnaval em Branco e Negro: Carnaval Popular Paulistano: 1914-1988*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, Editora da Universidade de São Paulo, Imprensa Oficial, 2007, p.31.
- <sup>ii</sup> Ibidem, pp. 237-238.
- <sup>iii</sup> Ibidem, p.241.